



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13859 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

FORMAÇÃO PARA A DEMOCRACIA: SOBRE O DIÁLOGO (IM)POSSÍVEL

Francisca Maura Lima - PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE

FORMAÇÃO PARA A DEMOCRACIA: SOBRE O DIÁLOGO (IM) POSSÍVEL

Resumo: O artigo discute o papel da escola na formação de sujeitos capazes de participar efetivamente da sociedade democrática. O pano de fundo é o resultado de uma pesquisa que investigou a construção de competências argumentativas a partir do ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva da construção de diálogos. Para estabelecer tal debate, apresentamos uma discussão conceitual sobre argumentação e diálogo; alguns *insights* a partir dos resultados da pesquisa relacionados à questão, e uma breve reflexão sobre a possível *crise dialógica* e o papel da escola.

Palavras-chave: Educação, democracia, argumentação, diálogo

Introdução

É possível afirmar, em diálogo com vários autores (MIGUEL, 2016; SANTOS, 2016; PEREIRA, 2022), que o Brasil e talvez o mundo vive uma crise da democracia. E a crise não abrange apenas as instituições democráticas, ela se expande para as relações sociais, através da construção e reconstrução de discursos autoritários e sobretudo através das relações de ódio estabelecidas em debates truncados e apócrifos. Como chegamos no ponto em que o debate aberto e verdadeiramente construído se tornou tão difícil? Perguntas difíceis que não temos a pretensão de responder, mas de defender que o sujeito da democracia precisa ser formado e a escola fundamental tem papel nessa formação. Nosso objetivo é discutir a construção de competências argumentativas na escola, a partir dos conceitos de argumentação e diálogo interagindo com resultados de pesquisa que investigou a construção de

competências argumentativas a partir do ensino da Língua Portuguesa.

Sobre as competências, que qualificamos de *argumentativas democráticas*, estamos nos referindo especificamente às propostas por Brayner (2008): **Competência proposicional:** parte do princípio que o sujeito está oferecendo ao outro um ponto de vista, mas a partir de bases negociadas. **Competência decisória:** está relacionada à escolha de alternativas baseadas no interesse comum. **Competência auto interrogativa:** se realiza na capacidade do sujeito de questionar os fundamentos de suas certezas individuais e sociais.

A partir da exposição das competências, fica claro que não vamos assumir a argumentação na simples perspectiva do convencimento. A concepção de argumentação assumida está relacionada à capacidade de fortalecer os diálogos sociais. Nessa concepção a argumentação seria o *lugar* linguístico da mediação de ideias e é a partir da argumentação que os sujeitos constroem os pontos de vista e interferem nas realidades.

Sobre o diálogo, nos chama a atenção a proposta de Paulo Freire quando ele afirma que o diálogo é uma relação horizontal, de A com B e não de A sobre B (FREIRE, 1979). Baseado em Paulo Freire, Gadotti (1979) defende que o diálogo só é possível dentro de um campo de significados minimamente compartilhados. No interior da luta de classes, por exemplo, não seria possível o diálogo entre opressores e oprimidos, mas apenas entre oprimidos. Concordamos com Gadotti (1979) no que se refere à impossibilidade de dialogarmos em alguns contextos, quando nesses contextos não é possível estabelecermos trocas por via do reconhecimento do ponto de vista do outro, e é exatamente nesse contexto que o diálogo se torna *impossível*.

Do ponto de vista etimológico diálogo significa a travessia de algo pela palavra (DIA=TRAVESSIA; LOGOS= PALAVRA) Brayner (2007). Nessa perspectiva de travessia, Arendt aproxima o diálogo à Maiêutica socrática, defendendo que a percepção de Sócrates estava centrada na diversidade de opiniões (ARENDR, 2010, p.57). Nesse caso o diálogo seria um processo de busca pela opinião de cada pessoa (doxa). Contudo para Brayner (2007), na Maiêutica não há trocas pois: “Salvo exceção, é sempre Sócrates quem interroga; e ele se recusa sempre a responder às questões que coloca.” (BRAYNER, 2007, p.04). Apesar dessa restrição, o diálogo socrático seria político na medida em que ocorre em praça pública e com espectadores que podem tomar a palavra e aprendem a olhar o mundo do ponto de vista do outro. A busca por uma opinião própria, objetivo da Maiêutica não seria o que estamos chamando de diálogo, considerando a ausência de trocas, no entanto a busca pela opinião de cada um, é o ponto de partida para o diálogo entre essas opiniões. Outro elemento importante na Maiêutica é que: “A palavra doxa não significa apenas opinião, mas também esplendor e fama. Como tal ela está relacionada à esfera política, que é a esfera pública na qual todo mundo pode aparecer e mostrar quem é” (ARENDR, 2010, p.56). Portanto, a busca da doxa seria também uma forma de favorecer a visibilidade dos sujeitos. Estabelecemos aqui uma relação direta com as *competências argumentativas democráticas*, sobretudo a *competência proposicional*, posto que propor sem impor é o exato respeito à doxa do outro, e conseguir

propor é uma possibilidade para se tornar visível politicamente. Nossa discussão propõe essa construção *política e linguística* na escola, de forma específica a partir do ensino da Língua Materna.

Metodologia

A discussão que vamos estabelecer aqui sobre argumentação, diálogo e Educação, foi organizada tendo como referência parte dos resultados de pesquisa que analisou o comportamento argumentativo de crianças de 5º ano do ensino fundamental através da participação em debates envolvendo temas polêmicos (quadro 2) e significativos para o grupo de estudantes em questão, pois foram escolhidos com a participação das professoras. Os debates foram realizados em contexto de aprendizagem dos gêneros textuais orais: *debates deliberativos* e *debates de opinião de fundo controverso*, o primeiro tem como objetivo construir uma decisão coletiva e o segundo estabelecer uma discussão sobre tema controverso (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Foram realizados 8 (oito) debates envolvendo duas turmas, sendo 04 (quatro) *deliberativos* e 04 (quatro) de *opinião de fundo controverso* e todos foram precedidos de leituras que traziam pontos de vista diversos sobre as temáticas. A análise foi realizada na perspectiva da *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 1977) e tendo como foco a emergência das competências argumentativas apresentadas na introdução, considerando as seguintes categorias de emergência: **potencialidades, dificuldades e possibilidades de reflexão/estímulos**. O material foi coletado a partir de filmagens e transcrição das atividades.

Análise e discussão dos dados

A análise apresenta indícios de que as crianças têm potencial para desenvolver as competências e que o contexto dos debates favorece. Embora tenhamos identificado em todos os debates, momentos de dificuldades relativas à construção das *competências argumentativas democráticas*, a incidência maior foi de potencialidades (quadro 1) e foi evidenciado que se a situação didática for bem pensada e estiver objetivando a construção das competências, as dificuldades apresentadas pelas crianças se transformam em momentos de reflexão e estímulos importantes para a construção das competências.

A pesquisa permitiu observarmos as crianças expondo sobre as questões, refletindo sobre seus comportamentos argumentativos, mudando o comportamento na dinâmica do debate, mudando de posição, refletindo sobre as mudanças de posição, consolidando suas posições a partir do diálogo, dialogando como os (as) colegas e com os textos, discutindo uma decisão, e aceitando o resultado coletivo nos debates deliberativos com envolvimento e respeito. No entanto, muitos desses comportamentos foram apreendidos, estimulados durante o trabalho didático. Tomemos como exemplo as deliberações, que em uma das turmas, no primeiro debate gerou um grande tumulto desencadeado pelos que não aceitaram a decisão coletiva, e que no debate final conseguiram respeitar a decisão apesar de discordarem. No entanto, esse

resultado de construção não foi sempre linear, nos alertando sobre a complexidade que há nessas construções, e a necessidade de um trabalho a longo prazo.

Embora a pesquisa tenha mostrado essa riqueza de construção na participação das crianças, também podemos falar sobre silêncios, pois a criança que falou mais vezes na turma 01 fez 88 (oitenta e oito) intervenções e a que falou menos fez 02 (duas). A que falou mais na turma 02 fez 105 (cento e cinco) intervenções e a que falou menos fez 02 (duas). Dessa forma não podemos dizer que houve homogeneidade quanto à participação.

Ainda sobre participação, foi constatado que a figura da professora prevalece como a que ocupa mais espaço de voz. Fizemos um levantamento de palavras ditas em um dos debates comparando o número de palavras pronunciadas pela professora e pelos (as) demais participantes (estudantes) e o resultado foi: 2.483 (duas mil quatrocentos e oitenta e três) palavras ditas pelos estudantes e 1.990 (mil novecentos e noventa) ditas pela professora. Esse número foi relativo apenas ao debate, excluindo-se atividades de organização e leituras iniciais. Portanto, na discussão do tema a professora falou quase a mesma quantidade que os (as) 18 (dezoito) estudantes presentes juntos. Podemos então nos perguntar: o que move as falas e os silêncios?

Com essa discussão não estamos defendendo que as crianças tenham necessariamente que falar muito, mas é importante que elas sejam (todas) estimuladas a elaborar sobre as temáticas, e que consigam externar suas propostas (*competência proposicional*) para que seja possível o estabelecimento das divergências e a construção da visibilidade política.

Uma questão interessante, é que dos 24 (vinte e quatro) eventos de dificuldades identificados, apenas 06 (seis) foram relacionados à *competência auto interrogativa*, e destes 06 (seis), em 04 (quatro), a dificuldade foi atribuída às professoras (quadro 1), que embora de forma geral tenham conduzido os debates estimulando a participação, nesses quatro eventos, se negaram a estabelecer o *diálogo possível*, entrando em fugas temáticas, em contextos que permitiam perfeitamente o contraditório. Evidentemente, para os adultos, o desprendimento de suas certezas é mais difícil que para as crianças, uma vez que essas estão em construção e isso nos remete à importância do trabalho com as competências na infância, não para ajudarmos as crianças a construírem certezas, mas exatamente para ajudá-las a construírem pontos de vista reconhecendo o quanto de provisório eles podem carregar.

Aqui chegamos em ponto crucial, a importância de estimularmos na formação das crianças, a construção dos *diálogos possíveis*, que nem mesmo as professoras foram capazes de enfrentar quando surpreendidas com pontos de vista estranhos à sua construção social. Defendemos o trabalho sistemático com temáticas que permitam possibilidades de posicionamentos diversos, para que as crianças possam lidar com as divergências de forma intensa. Divergência essa, que vai acompanhar a vida de todas as pessoas que vivem em sociedade na qual é permitido a liberdade de expressão, nesse complexo mundo da democracia. Esses temas, são simples, e não teriam grandes repercussões na formação de valores (objetivo sempre forte e legítimo na

escola), mas são potentes para construir, mesmo de forma embrionária, o sujeito capaz de propor (*competência proposicional*), de questionar suas certezas (*competência auto interrogativa*), e de decidir considerando a coletividade (*competência decisória*).

E no caso dos *diálogos impossíveis*? Quando a escola não pode compartilhar minimamente o ponto de vista apresentado. Quando um estudante, por exemplo, faz uma declaração racista e a liberdade de expressão se confunde com agressão e ódio. Aqui o diálogo se tornou impossível porque a escola não pode aceitar tais pontos de vista, não pode permitir, nesse caso, o contraditório. Nesse contexto, a escola não pode ocupar o lugar *auto interrogativo* e questionar suas certezas na defesa por um mundo não racista.

Porém se existe na escola uma criança que está construindo tais pontos de vista, melhor que tenha “abertura” para se expressar e gerar a oportunidade de ser firmemente contestada. Então vejamos que tanto os *diálogos possíveis* como os *impossíveis* devem emergir na escola, devem ser objetos de trabalho escolar, no conteúdo dos temas e na forma dos diálogos e não diálogos.

A história recente mostrou que perdemos espaço de formação ética e democrática para outras instituições. E essas instituições, formaram para o individualismo, o preconceito, o não diálogo e inclusive para o ódio. Portanto entendemos que renovar o debate sobre essa questão é importantíssimo, e aqui estamos apenas colocando um elemento para essa antiga, porém urgente discussão.

Considerações finais

Sabemos que a luta por uma escola democrática não é nova e que houve (e há) tentativas de experiências importantes para estabelecer essa escola da participação. Mas aqui estamos reafirmando que além da experiência democrática a escola deve oferecer a construção de saberes que envolvem a participação. O acaso poderia ter levado as crianças a todas as reflexões que foram feitas durante as atividades realizadas, mas não foi o acaso que marcou essa organização didática que propomos, mas o planejamento intenso e bem objetivado.

Com essa proposta não pretendemos sugerir que essa é a melhor forma de construir a escola democrática, mas reacender a discussão, colocar um elemento nesse debate em momento que consideramos de crise, problematizar a questão, reformular nossas perguntas sobre a escola democrática, sobre a sociedade e o papel da educação na construção de sujeitos capazes de participar politicamente da vida da cidade.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70,1977.
- BRAYNER, Flávio. **Educação e Republicanismo**. Brasília: Liber Livro, 2008.
- BRAYNER, Flávio. **Homens e mulheres de palavra: sobre o diálogo**. Anais da 30ª Reunião da ANPED. 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br> Acesso em: 10 de fevereiro de 2023..
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das letras, 2004.
- FREIRE. Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Ordem classista**. Em FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Paz e terra, Rio de Janeiro: Paz e Terra,1979.
- MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- PEREIRA, Heloisa Prates; PRADO, José Adair; PRATES, Vinicius. **Comunicação em rede na década do ódio**. Barueri: São Paulo, Estação da Letras e cores Editora, 2022.
- SANTOS. Boaventura de Souza. **A difícil democracia**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Quadros e tabelas

Quadro 1 - Emergência de dificuldades, potencialidades e possibilidades de reflexão/estímulos por competências

COMPETÊNCIAS	Dificuldades	Potencialidades	Possibilidades de reflexão/estímulo
Proposicional	11	12	15
Decisória	07	20	08
Auto interrogativa	06 *	09	10
*sendo 04 relativas à dificuldade das professoras			

Quadro 2 - Temas dos debates

TIPO DE DEBATE	Tema 1	Tema 2	Tema 3
Deliberativo	Compra de uma TV para cada sala de aula ou de um equipamento para montar uma rádio escolar	X	X
Opinião de fundo controverso	Apelidos	MMA esporte ou violência	Fardamento escolar